

I. POR QUE E COMO ESTUDAR CINEMA

Este curso de cinema é destinado a **espectadores** e não a produtores, ou técnicos especializados na **realização** de filmes.

O curso visa estabelecer todos os possíveis elementos **objetivos** de apreciação, não se negando a atuação de elementos subjetivos, como a formação, instrução, sua personalidade típica, gostos, tendências, situação peculiar no tempo e no espaço de cada indivíduo.

Se a linguagem cinematográfica é em parte de assimilação intuitiva, pode ela ser melhor apreciada pelo estudo, pelo exercício, sujeita a um magistério. Os gostos pessoais podem ser formados, aperfeiçoados e ampliados.

Há certas obras de cinema, realizadas por diretores-mestres, que sem estudo e análise atenta, não se compreendem perfeitamente à primeira vista.

II. DIFERENÇAS FUNDAMENTAIS ENTRE O CINEMA E OUTRAS OBRAS DE ARTE

As outras seis artes tradicionais (o cinema é chamado a sétima arte) são: Escultura, arquitetura, pintura, música, teatro, literatura.

Das três primeiras artes, o cinema se diferencia fundamentalmente pela presença do movimento, que aquelas não possuem.

A música alcançou o movimento, mas apenas de som.

A literatura tem movimento de imagens, mas estas são apenas mentais, des-

critas e não mostradas. O cinema difere essencialmente do romance, por ter de mostrar sempre uma ação **visual**, e pela **personalização** dos conflitos. Por isso o cinema é arte concreta, e não se presta a abstrações como a literatura.

Ao teatro, que também usa atores, falta a possibilidade, que o cinema tem, de estender seus conflitos, quase sem limites no espaço e no tempo. A imagem é apanhada pelo cinema em diferentes pontos de vista, ângulos, e em movimentos de aproximação ou afastamento, o que ao teatro é vedado.

III. TRÊS FASES DE REALIZAÇÃO DE UM FILME: Roteiro, filmagem, montagem.

Antes da filmagem, isto é, antes da fixação da imagem na fita de celuloide, que é quando a obra filmica está concluída, há um longo e minucioso traba-

lho preparatório, **escrito**, para se evitar a menor perda de tempo durante a filmagem que, pela participação conjunta de numerosos técnicos, é altamente dispendiosa.

A. PREFILMAGEM — Fase literária.

- a) Busca-se um **argumento** conveniente, aceitável pelo público, consultando-se para isso as mais diversas fontes.
- b) **Sinopse** é um tratamento dado ao argumento, trazendo a intriga, a atmosfera. De 15 a 20 páginas.
- c) **Roteiro** é a transformação visual do argumento, traduzido em cenas concretas, incluindo mais detalhes, do decór e personagens, inclusive diálogos.
- d) **Decupagem** é a divisão de toda a obra em tomadas (num total de 200 a 500, num filme de 90 minutos), com indicação de minutagem, metragem, planos, decór, ação, diálogo, fundo sonoro.
- e) **Agrupamento**. Agrupam-se todas as cenas que devem ser filmadas a seguir, para aproveitar elementos de difícil ou dispendiosa recomposição: presença de artistas, locais, decór construídos, clima, etc.

B. FILMAGEM (fase de execução agitada).

Na filmagem, sob a orientação do diretor, está presente uma numerosa equipe:

1) **Produtor**, presente já na prefilmagem. É o supervisor geral, principalmente da parte administrativa, financeira e humana em todas as fases.

2) O **diretor** a alma da filmagem, é quem garante o sôpro, a inspiração artística da obra. Mas é claro que deve ter dotes de administrador, condutor de homens e de técnico também.

3) O diretor tem como auxiliares diretos, o assistente, o diretor de cena (artístico) e a anotadora (script-girl).

4) Equipe de **cenografia**, encarregada dos decors.

5) Equipe de **imagem**, com o diretor de fotografia e o iluminador.

6) Equipe de **som**, encarregada do registro dos diálogos, ruídos e música.

7) Equipe de **interpretação**, que são os atores todos, às vezes milhares.

8) Equipe de **vestuário e caracterização**: figurinista, maquilador e cabelereiro.

C. MONTAGEM (Síntese técnico-estética)

A montagem é novamente uma fase de calma, em que os fragmentos filmados, são ligados com a devida sequência vi-

sual e sonora. É fase não só técnica mas de criação estética.

IV. RECURSOS DE LINGUAGEM DA CÂMARA CINEMATOGRAFICA

A câmara cinematográfica é o instrumento por excelência para criação da obra fílmica, como o é o pincel para o pintor. Ela tem o recurso dos planos, movimentos e ângulos, recursos que o teatro não tem.

1) Plano é a unidade de imagem, considerada em razão da distância câmara-objeto. Plano é a unidade de imagem quando se considera a disposição dos elementos dentro do retângulo da imagem cinematográfica, chama-se **enquadramento**.

a) Plano geral, de conjunto, tem valor descritivo.

b) Plano de **meio-conjunto**, salienta o ambiente, a cenografia.

c) Plano **médio**, salienta as pessoas e tem valor narrativo.

d) Plano **americano**, apanha algumas personagens, com parte de corpo.

e) Primeiro Plano, toma só o rosto. Valor dramático.

f) Primeiríssimo Plano parte do rosto. Valor dramático.

g) Detalhe — parte de objeto.

2) **Movimentos**.

a) Panorâmica, rotação da câmara sobre seu próprio eixo. Valor descritivo.

b) Travelling, deslocamento da câmara que é feito de diferentíssimas maneiras. Dá valor dramático, maior participação à ação.

c) Panotravelling, combinação dos dois movimentos anteriores.

3 **Angulação**.

a) Câmera alta (mergulho ou plongê), quando a câmara está mais alta que o objeto filmado. Significa humilhação, diminuição, ridículo.

b) Câmera baixa, (contra-plonge), o contrário. Significa poder, elevação, força.

c) Câmera excêntrica (obliqua), indica desequilíbrio mental.

V. OUTROS ELEMENTOS ESTÉTICOS, DE LINGUAGEM.

Os elementos estéticos (artísticos) que determinam a obra de arte, são principalmente:

1) **Direção**, que transmite ao celuloide a inspiração da obra escrita. Fluência, uso de planos, enquadramentos perfeitos, interpretação.

Um filme deve ser a transmissão da personalidade do diretor.

2) **Interpretação**. Ela é boa quando o ator vive o personagem e não quando se projeta a si mesmo.

3) **Ritmo**, visual e sonoro, ao qual devem servir a duração dos planos, cenas e

e) A Constituição Brasileira permite formação de sociedades de direito privado para **fins lícitos**. Não se compreende haja ilicitude no fato de pessoas da mesma ideologia discutirem o cinema.

4) Os dois principais cineclubes de Porto Alegre são: Clube de Cinema de Porto Alegre (Av. Borges, 915, 7º) fundado em 1947, com funcionamento ininterrupto, ideologicamente neutro (pelo menos teoricamente). Sua mentalidade se manifesta pelos seguintes órgãos de publicidade: Correio do Povo, Fôlha da Tarde e Rádio Guaíba.

O Cineclub Pro Deo (Rua dos Andradas 1005, sala 326 — Caixa Postal 2540), católico, fundado em 1954, com funcionamento regular desde sua fundação. Edita anualmente um relatório de suas múltiplas atividades, que pode ser solicitado. Seus principais órgãos de divulgação: Jornal do Dia, Rádio Difusora, quadros Murais, Rádio Farroupilha, Diário de Notícias.

XII. CINEFORUM.

1) O cineforum é das melhores armas para a promoção de cultura cinematográfica, e que o Cineclubismo usa. Consiste na assistência e debate coletivo de um filme, uma espécie de crítica em conjunto.

2) É fácil de realizar, pois não tem caráter permanente, sem as complicações administrativas de um cineclubes, podendo-se realizar a qualquer momento, com qualquer grupo de pessoas. Cada Cineforum, mesmo isolado, tem função, finalidade e sentido em si mesmo, e está automaticamente incorporado ao grande movimento de criação de espírito crítico face ao filme.

3) Suas **vantagens**: É um bom exercício de trabalho em equipe, de convivência humana. Descubrem-se mais riquezas de um filme, ouvindo opiniões di-

XIII. PROMOÇÃO DO BOM FILME

Todo o conhecimento que não se traduz em ação e em serviço, é estéril e sem sentido. Uma vez descoberto e apreciado um bom filme, é lógico que por ele se faça algo.

1) O **Bom filme**. Deverá estar fora de cogitações, aqui, conceitos subjetivos, ou vagos, ou restritos, ou relativos demais, como por exemplo: Bom Filme suave; filme artístico; filme que tem bom enredo; filme histórico; o filme premiado, filme atual; filme musical; o dramático; o grandioso; comovente, etc.

Conceitos interessantes: a) Bom Filme é o que diverte ensinando. b) Bom

No Brasil, existem 5 federações, com um total aproximado de 80 cineclubes filiados a federações. Há entretanto, numerosos agrupamentos de cultura cinematográfica, não filiados a federações.

Já foram realizadas 3 jornadas nacionais de cineclubes. São Paulo, em 1959, com 15 cineclubes; Belo Horizonte, em 1960, com 35 cineclubes, Rio, em 1961, com 75 cineclubes. As resoluções dessas jornadas, o Cineclub Pro Deo as fornece.

As maiores esperanças residem em agrupamentos juvenis, ligados a estabelecimentos de ensino.

DEFINIÇÃO DE CINECLUBE

Cineclubes é a sociedade que, de maneira organizada e estável, sem fins de lucro, analisa os filmes em geral e promove o bom filme, estuda e soluciona problemas ligados ao cinema, considerado como indústria e comércio, arte e expressão do pensamento humano. H. D.

versas. Cria um clima de seriedade coletiva, face ao cinema, com imediatas repercussões sociais. Cria uma comunidade de espectadores.

4) Pode realizar-se como simples conversação, sem ordem especial, como pode obedecer a um plano rigoroso de discussão. Sua finalidade primordial não é chegar a conclusões exatas, unânimes e definitivas (impraticável) mas estimular o raciocínio, equilibrar opiniões e impressões. Funciona melhor como simples coleta de opiniões. É poderoso estímulo para discussões posteriores.

5) É indispensável a presença de um animador (dirigente) que tem por função não dirimir todas as questões, mas, numa posição neutra, manter ordem e paz, estimular opiniões, animar os participantes, sintetizar os apartes.

filme é o que aproveita à inteligência e ao coração. c) Bom filme é o que eleva a cultura intelectual, moral e religiosa.

Conceitos mais esclarecedores: a) O que contribui para o progresso espiritual e desenvolvimento dos valores humanos (OCIC). b) O que leva a respeitar, a compreender e auxiliar o homem (Pio XII). c) O que mostra o mal, mas também o progresso, verossímil de como o bem vence o mal. (H. Didonet).

2) Deve ser reconhecida certa **relatividade** do bom filme, com respeito ao filme (filme bom, muito bom, excelente,

insuperável, ideal etc. com diversos graus de qualidade), e quanto ao espectador (filme bom para crianças, adolescentes, adultos, trabalhadores, intelectuais, povo em geral, certos povos, certas ocasiões etc...)

3) Exemplos de bons filmes de acordo com o conceito do OCIC: Na Estrada da Vida; O Ferroviário; A Grande Esperança; Cárcere sem Grades; Aquele que deve Morrer; Ponte da Esperança; Festa de Casamento; O Céu é Testemunha; Homem do Terno Cinzento; Sinhá Moça; Amigos do Peito; Homem Errado etc. (Veja o Guia Cultural).

4) **Promoção de bons filmes.** Sabe-se que o espectador é que está com o destino do cinema nas mãos. O filme que tem boa bilheteria, que tem apóio do público, determina a realização de outros do mesmo estilo. Convém que todos se empenhem em divulgar o Bom Filme, cada um no seu ambiente: (Ouçã Páginas da Vida — Rádio Farroupilha — quartas-feiras das 20,30 às 21,30 horas.

A Campanha do Bom Filme deve ser feita sempre por ocasião de sua exibição, para sua valorização comercial imediata. Louvores posteriores à carreira comercial, de muito pouco servem.

XIV CINEMA E JUVENTUDE

A juventude tem direito de ter um cinema apropriado à sua evolução espiritual, psico-social e somática.

É um dever de todo o educador estudar os problemas de cinema para a juventude.

É dever dos adultos e das autoridades proteger a juventude, com cuidados e leis especiais, contra filmes não adaptados à sua idade.

Compete a entidades educacionais produzir, importar, exhibir e promover filmes especiais para a juventude.

O filme, para crianças, deve ter ritmo lento, narrativa direta, sem complicações de temas e subtemas ou personagens entrecruzados, realismo discreto, sem excessiva fantasia, protagonistas infantis, deve ser moral e recreativo, sem severo didatismo. E deve ser artístico.

XV. CRIAÇÃO CINEMATOGRAFICA

Quem cria, exerce maior influência espiritual do que quem aprecia. Os movimentos culturais, para não caírem na frustração, devem desenvolver o espírito e o clima de criação. Isto se conse-

gue estudando os problemas de criação, observando a vida, fazendo exercícios de roteiro, e praticando fotonovellismo, ou seja, criando enredos dramáticos, com slides fixos, e comentários apropriados.

XVI. ALGUMAS INDICAÇÕES PRÁTICAS

Livrarias que têm livros de cinema: 1) Livraria Americana (Rua Mal. Floriano, 283, P. Alegre); 2) Livraria Sulina (Av. Borges, 1030, Pôrto Alegre); 3, Livraria São Paulo (Rua Dr. Flôres, 252, Pôrto Alegre); 4) Livraria Duas Cidades (Praça das Bandeiras, 40, 7.º conjunto E. — São Paulo).

Revista brasileira: Revista de Cultura Cinematográfica, Caixa Postal, 552 — Belo Horizonte.

— Cineclubes Pro Deo: Rua dos Andradas, 1005, sala 326 — C. Postal 2540. Pôrto Alegre.

— Clube de Cinema de Pôrto Alegre — Av. Borges, 915, 7.º andar — Pôrto Alegre.

— Serviço de Cinema Educativo (filmes didáticos): Secretaria de Educação e Cultura — Av. Mauá, 1855 — Edif. Lopes Dias — 9.º F. 71.37 — P. Alegre.

— Centro de Informações Cinematográficas — Rua da Glória, 446 —

Rio. (Cotações Morais).

— Cinematéca Brasileira — (filmes clássicos) — Caixa Postal 12.900 — S. Paulo.

Federação Gaúcha de Cineclubes — Caixa Postal 2001 — Pôrto Alegre.

Centro de Cineclubes — Rua Barão de Jundiá, 471 — São Paulo.

Federação de Cineclubes de Minas Gerais — Rua Turmalina, 213 — Belo Horizonte.

Federação de CC. do iRo de Janeiro — Av. Júlio de Castilhos, 35 apt. 1108 — Rio — GB.

GEICINE (Grupo Executivo da Indústria Cinematográfica) — Praça da República, 141 — 2.º — Rio — GB.

Serviço de Divulgação Cinematográfica (SDC) — Caixa Postal 2540 — P. Alegre (Artigos para imprensa).

Direitos de reprodução reservados. H. Didonet — C. P. 2540 — P. Alegre

043.3